



RELATÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO – 2011

Prezados Senhores,

Apresentamos a V.Sas. o Relatório da Administração da Socialcred S/A – SCMEPP, referente ao exercício de 2011:

1. Ambiente Econômico

No início de 2011, a economia brasileira estava bastante aquecida. As medidas macroprudenciais tomadas em dezembro de 2010, que continham potencial efeito restritivo, ainda não tinham se efetivado. Nesse contexto, o governo anunciou um corte de gastos de R\$ 50 bilhões, indicando que a política fiscal passaria a contribuir com o controle da inflação. Ademais, manteve o ciclo de aperto da política monetária, elevando a meta da Selic até a reunião de julho, quando atingiu o ápice de 12,50% anuais.

A forte desaceleração ocorrida no segundo trimestre, principalmente no setor industrial, fruto da sobreposição das medidas contracionistas internas com a desaceleração ocorrida na economia internacional, exigiu do governo uma inversão de sinal na condução da política monetária. Assim, a partir do início do segundo semestre, o COPOM iniciou um ciclo de redução da meta SELIC, que atingiu 11,50% a.a. no final do ano.

Estima-se que o PIB cresceu 2,7% em 2011, sendo que o crescimento acumulado nos três primeiros trimestres foi de 3,2%. O IPCA encerrou o ano no limite superior da meta, em 6,5%.

Segundo o Banco Central, o aumento da inflação em 2011, em relação ao ano anterior, refletiu, parcialmente, a concentração atípica de reajustes de preços administrados, ocorrida no primeiro trimestre do ano, e a inércia ainda resultante de choques de oferta domésticos e externos observados no último trimestre de 2010.

No mercado de crédito, o ritmo de expansão das operações do SFN arrefeceu-se em relação a 2010. Esse comportamento refletiu os impactos das medidas macroprudenciais

adotadas em dezembro de 2010 e a postura mais restritiva da política monetária ao longo do primeiro semestre, que afetaram os financiamentos de veículos e o crédito pessoal.

O comportamento do saldo de crédito na economia refletiu, principalmente, o desempenho do segmento de crédito direcionado, destacando-se o crescimento dos financiamentos habitacionais, cuja representatividade aumentou de 2,9% do PIB, no final de 2009, para 4,8%, em dezembro de 2011.

O volume total de crédito, compreendidas as operações com recursos livres e direcionados, atingiu R\$ 2,03 trilhões em dezembro, assinalando elevação de 19% em doze meses e passando a corresponder a 49,1% do PIB, comparativamente a 46,4% ao final de 2010.

Em 2011, o crédito a pessoas físicas elevou-se em 20,8%, favorecido principalmente pela expansão do crédito habitacional. O crédito às empresas aumentou 17,4%, resultado de expansões de 17,1% nas operações com recursos livres e de 18%, nas modalidades relativas a recursos direcionados.

A inadimplência acima de 90 dias subiu para 5,5% em dezembro, ante 4,5% no fechamento de 2010, influenciada pela elevação das taxas de juros dos empréstimos e pelo menor crescimento econômico.

2. O Setor Microfinanceiro

Em 2011, o governo realizou uma reforma do PNMPO – Programa Nacional de Microcrédito Produtivo Orientado, que recebeu o nome fantasia de “Programa Crescer”.

De acordo com essa reforma, os bancos que concederem créditos a empreendedores com renda anual máxima de R\$ 120 mil, num limite de R\$ 15 mil de risco de crédito, com taxas limitadas a 8% ao ano e taxa de abertura de crédito máxima de 1%, receberão uma subvenção da União para equalizar parte dos seus custos de contratação e

acompanhamento das operações. Essa subvenção, fixada em nada menos que R\$ 500 milhões, beneficiará, a priori, os bancos públicos federais (BNB, Banco do Brasil, CAIXA e BASA).

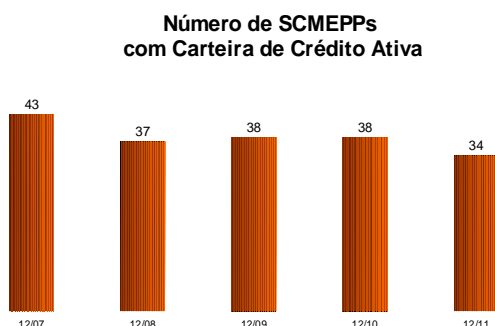
Trata-se de uma reforma de viés estatizante, tendo sido arquitetada, com exclusividade, pelo governo e os bancos públicos citados.

O seu objetivo é massificar o microcrédito produtivo, direcionando parte dos recursos PNMPO, isto é, os 2% dos depósitos à vista que devem ser aplicados em microcrédito, para o crédito produtivo, em detrimento do crédito para consumo.

As sociedades de crédito ao microempreendedor e à empresa de pequeno porte e os bancos privados, assim como as OSCIPs de microcrédito, foram relegadas a segundo plano como atores do microcrédito brasileiro.

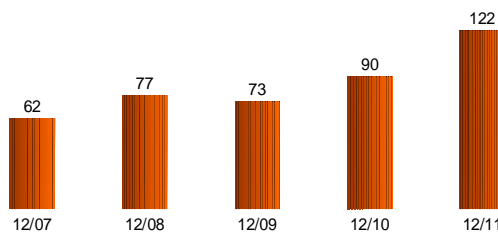
Não obstante, o Banco Central, que tem na inclusão financeira da população um dos seus objetivos estratégicos para o quadriênio 2010-2014, vem procurando realizar uma política mais equilibrada e consistente, visando a construção de um modelo perene para as microfinanças brasileiras. A promoção de rodadas de interlocução com os interessados no desenvolvimento de um setor microfinanceiro saudável para o País tem sido fundamental para o sucesso da sua estratégia.

Em dezembro de 2011, haviam 34 SCMEPPs com carteira de crédito ativa, quatro a menos que em dezembro de 2010, mostrando que o ambiente regulatório não está atraente.



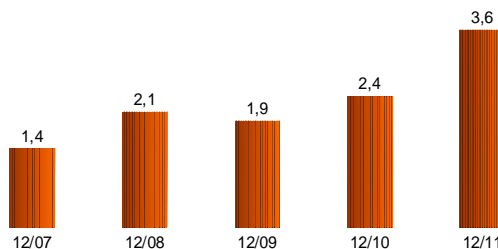
No entanto, a carteira ativa das SCMEPPs cresceu 36% em 2011, um desempenho acima da média do mercado de crédito nacional.

Evolução da Carteira Ativa Total das SCMEPPs (em R\$ milhões)



Como consequência, o valor médio das carteiras das SCMEPPs também apresentou forte aumento, de 50%.

Evolução da Média da Carteira Ativa das SCMEPPs (em R\$ milhões)



3. Desempenho Econômico

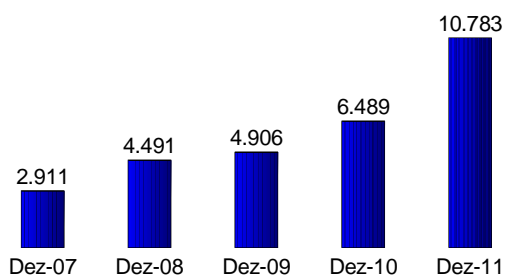
3.1. Carteira de Crédito

A carteira ativa da Socialcred cresceu 66%, atingindo R\$ 10,8 milhões em dezembro, bem acima do crescimento da carteira de crédito do SFN como um todo, que foi de 19%.

Considerando-se um período de dois anos, a taxa de crescimento atingiu 120%. Esse excepcional desempenho, iniciado no segundo semestre de 2010, resulta de uma redefinição de estratégia comercial e ações de marketing, que se mostraram acertadas.

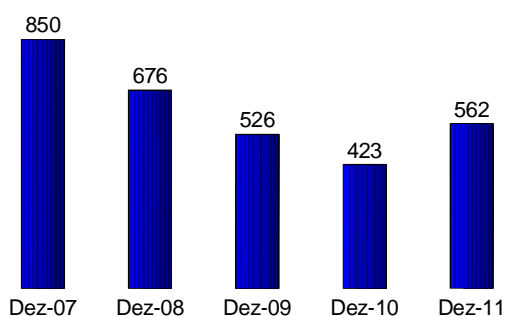
Com esse volume de carteira, a Socialcred manteve-se entre as 5 maiores SCMEPPs do país.

Carteira Ativa - Valor Atual (em R\$ mil)



No que se refere à diversificação da carteira, o risco do maior cliente é menor que 2,5% da carteira ativa, enquanto o risco dos 20 maiores clientes equivale a 35% do total. Esse índice de concentração ainda é alto e a direção da empresa deverá se empenhar em reduzi-lo.

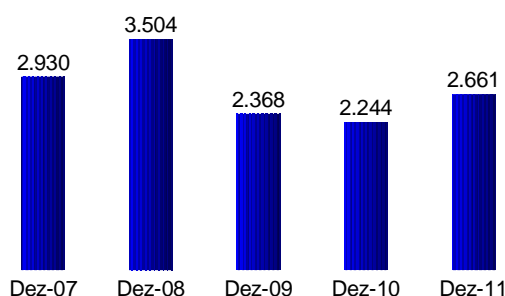
Clientes Ativos



A tendência à queda do número de clientes foi revertida. No final de 2011, haviam 562 clientes ativos, contra 423 em dezembro de 2010, um aumento de 33%.

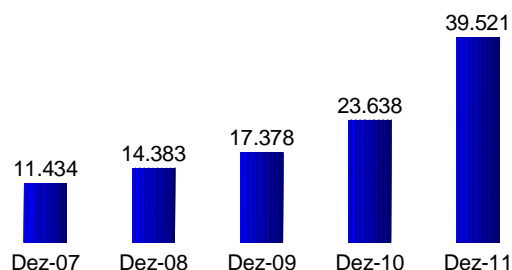
O número de operações em curso no final de 2011 era de 2661 operações, ante 2244 em 31/12/2010. Assim, o ticket médio das operações ao final de 2011 atingiu R\$ 4 mil, contra R\$ 3,5 mil, em 2010.

Operações em Curso



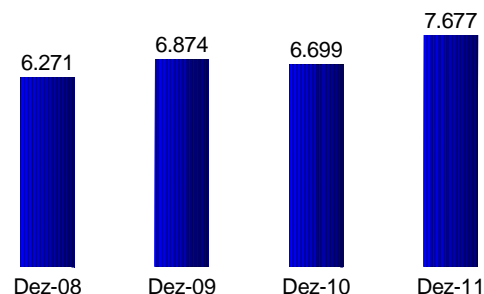
Em 2011, foram realizadas operações de crédito no montante de R\$ 39.521, ante R\$ 23.638 em 2010, crescimento de 67%.

Montante das Operações Realizadas (em R\$ mil)



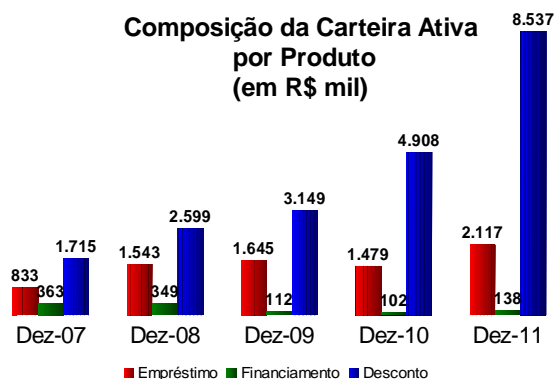
Em 2011 foram realizadas 7.677 operações de crédito, crescendo 14,6% sobre 2010.

Quantidade de Operações Realizadas



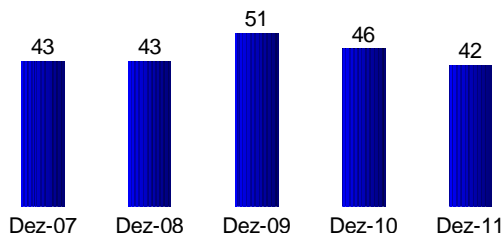
O estoque de carteira do produto “Empréstimo” cresceu 43% em 2011, após apresentar uma queda de 10% em 2010. O produto “Financiamento” cresceu 35% e o “Desconto” elevou-se em 74%, conforme demonstrado no gráfico a seguir.

Composição da Carteira Ativa por Produto (em R\$ mil)



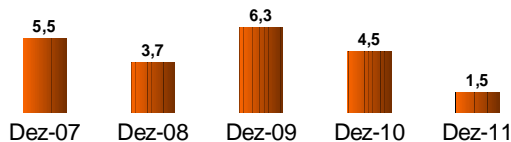
A rentabilidade da carteira ficou em 42% ao ano, menor nível desde 2007.

Rentabilidade da Carteira
Rec. Vinc. a Op. de Crédito / Carteira Ativa Média
(em % ao ano)



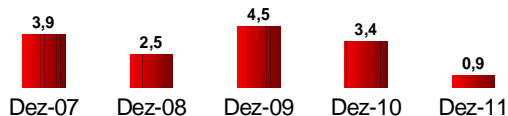
Esse é um resultado da estratégia comercial implantada, que tem como contrapartida a melhora da qualidade da carteira, conforme pode-se ver no gráfico seguinte, que demonstra que a carteira em risco (portfólio at risk - PAR) acima de 30 dias reduziu-se a 1,5% da carteira, um índice excepcional.

Índice de Inadimplência
Carteira em Risco (PAR) > 30 dias
(em %)



A observação do próximo gráfico corrobora a informação contida no anterior, evidenciando que a qualidade da carteira encontra-se num nível excelente, com o indicador PAR>90 dias atingindo 0,9%.

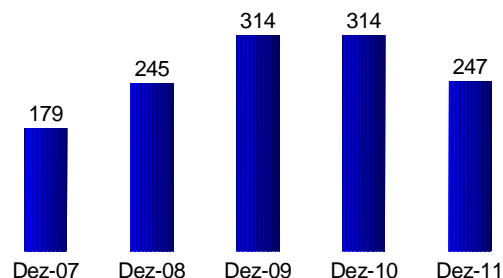
Índice de Inadimplência
Carteira em Risco (PAR) > 90 dias
(em%)



Esses índices de inadimplência são os melhores de toda a história da empresa e, a título de comparação, os dois maiores bancos privados brasileiros apresentaram índices de 4,9% e 3,9% para PAR>90.

A melhor qualidade da carteira permitiu a redução da provisão para operações de crédito de R\$ 314 mil para R\$ 247 mil.

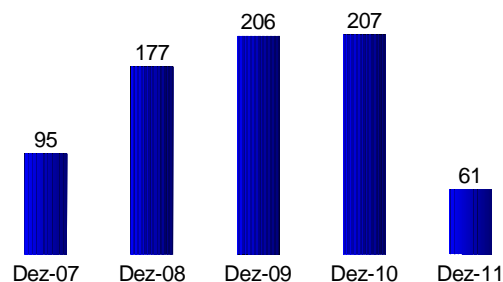
Provisão para Operações de Créditos
(em R\$ mil)



Embora o valor absoluto da provisão tenha caído, a queda da inadimplência foi ainda maior, permitindo que os índices de cobertura da carteira com atrasos acima de 30 e 90 dias se elevassem, respectivamente, de 108% para 153% e de 142% para 257%, evidenciando a política austera de provisões da empresa.

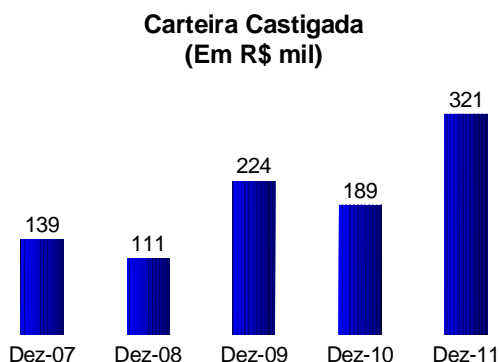
A carteira reestruturada caiu de R\$ 207 mil, em 2010, para R\$ 61 mil, em 2011. Com isso, a participação de créditos reestruturados no total da carteira, que apresentava uma média de 3,65% nos quatro anos anteriores, caiu para 0,57%, um índice excepcionalmente bom.

Carteira Reestruturada
(Em R\$ mil)



De acordo com as normas expedidas pelas autoridades monetárias, o *write off* das operações deve ocorrer com 360 dias de atraso. Seguindo essas regras, em 2011, a

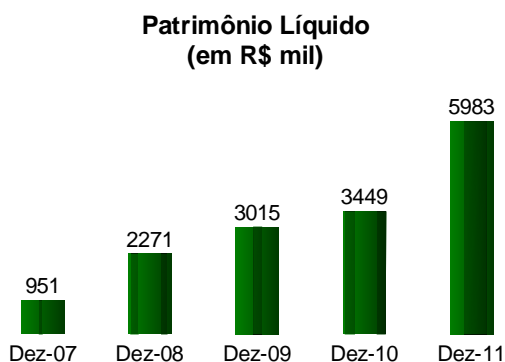
Socialcred castigou R\$ 321 mil de sua carteira, uma elevação de 70% em relação ao ano anterior.



3.2. Funding

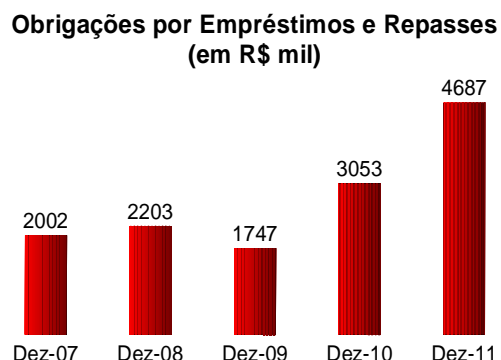
3.2.1. Capital Próprio

O Patrimônio Líquido (PL) aumentou 73,5% em 2011, com a acumulação parcial do lucro líquido do ano e, sobretudo, em virtude do bem sucedido lançamento de ações preferenciais que incorporou ao quadro de acionistas novos investidores, contribuindo com R\$ 2,2 milhões para a elevação do PL.

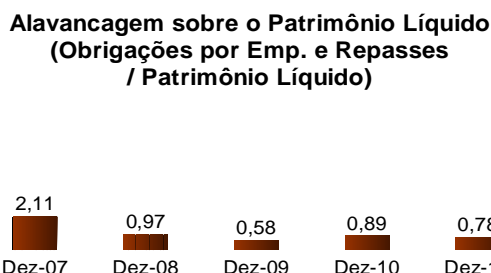


3.2.2. Capital de Terceiros

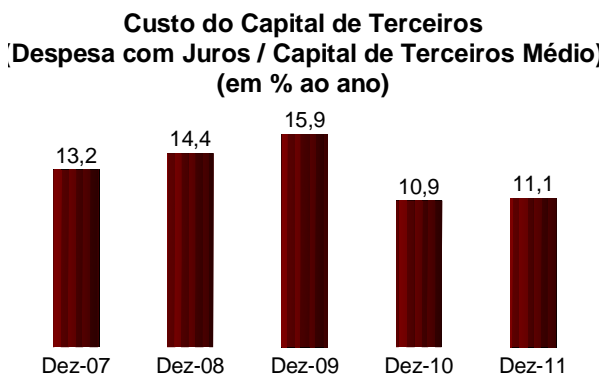
O funding de terceiros continuou a se elevar, passando de R\$ 3.053 mil para R\$ 4.687 mil, correspondendo a 54% de crescimento. O endividamento, tanto em termos de custo como de prazos, está bem equilibrado, com parte substancial vencendo em prazo igual ou superior a 48 meses.



O índice de alavancagem voltou a cair, passando de 0,89, em 2010, para 0,78, em 2011, em virtude da elevação do patrimônio líquido.

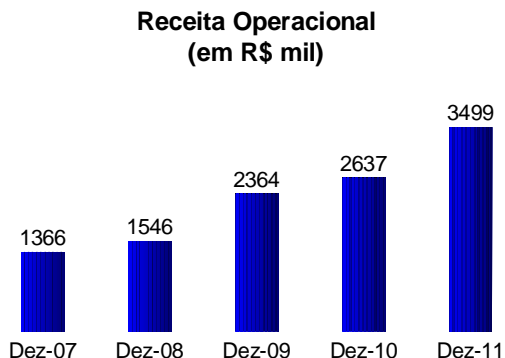


O custo do capital de terceiros consolidou-se em torno de 11,1% ao ano, abaixo da taxa média do mercado interbancário (CDI), que foi de 11,64%, em 2011.

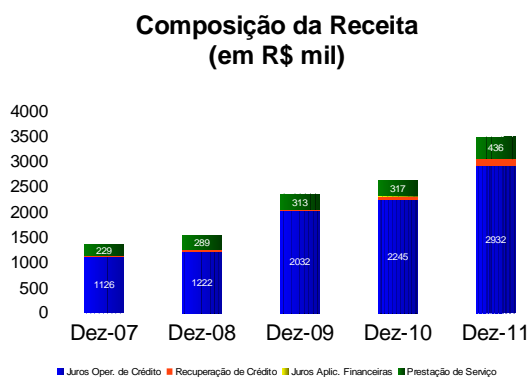


3.3. Resultado

A receitas operacionais do ano foram de R\$ 3.499 mil, em 2011, apresentando um incremento de 33% sobre 2010.

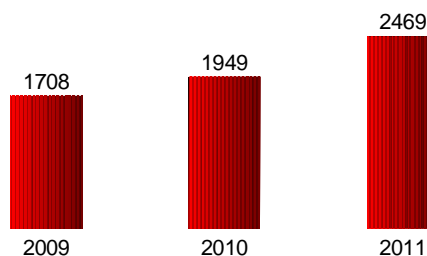


A composição da receita operacional foi a seguinte: R\$ 2.932 mil de receitas de juros, crescimento de 31% sobre 2010, R\$ 436 mil de receitas de serviços, elevação de 38% em relação ao ano anterior, R\$ 5 mil de receitas de aplicações financeiras e R\$ 126 mil de receitas de recuperação de crédito, adição de 73% em relação a 2010.



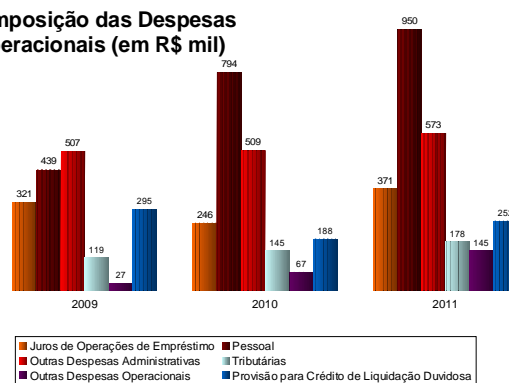
As despesas operacionais atingiram R\$ 2.469 mil, ante R\$ 1.949 mil em 2010 e R\$ 1.708 mil em 2009.

Despesas Operacionais (em R\$ mil)



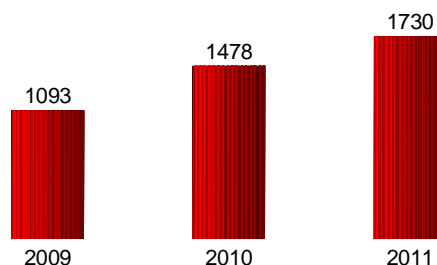
Os itens que mais contribuíram para essa elevação foram as despesas com pessoal (R\$ 156 mil) e as despesas com juros (R\$ 125 mil), conforme pode-se verificar no gráfico abaixo.

Composição das Despesas Operacionais (em R\$ mil)

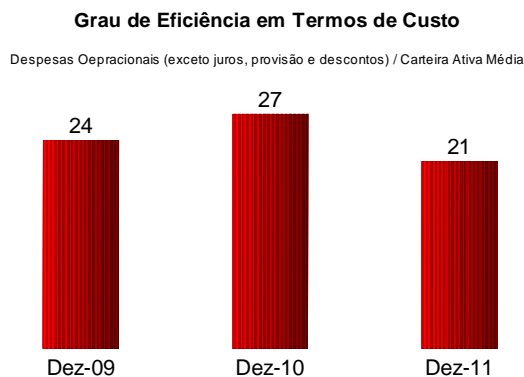


No gráfico abaixo, objetivando analisar o grau de eficiência da empresa, excluímos das despesas operacionais as despesas com juros de captação, as provisões para devedores duvidosos e os descontos concedidos em renegociações. As despesas operacionais, após esses expurgos, cresceram expressivos 35% de 2009 para 2010, quando a empresa aumentou substancialmente o quadro de pessoal, preparando-se para a expansão que ora se verifica. Em 2011, cresceu mais 17%.

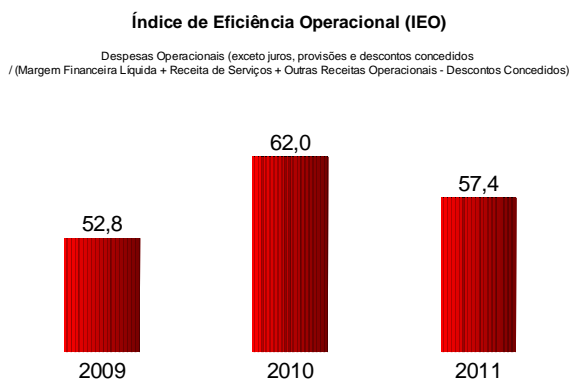
Despesas Operacionais (exceto juros, provisão e descontos concedidos) (Em R\$ 1.000)



O indicador de eficiência em termos de custos, calculado dividindo-se as despesas contidas no gráfico anterior pela carteira média, caiu de 27% em 2010 para 21% em 2011. Essa queda deveu-se ao excepcional crescimento da carteira de crédito ocorrida no último ano.

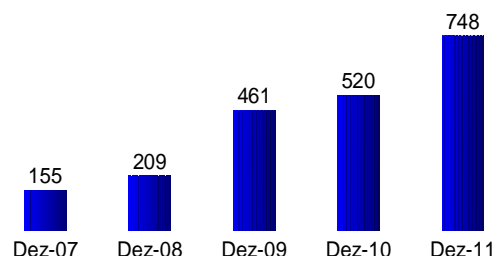


O Índice de Eficiência Operacional melhorou, caindo de 62,0%, em 2010, para 57,4%, em 2011. A título de comparação, informamos que os dois maiores bancos privados nacionais apresentaram, em 2011, os índices de 47,7% e 43,0%. Isso demonstra que a empresa deve perseguir uma melhor eficiência em sua operação.



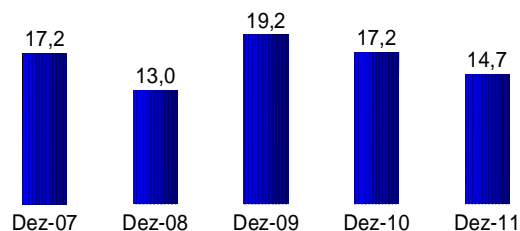
A remuneração aos acionistas manteve a tendência de crescimento, atingindo R\$ 748 mil, acréscimo de 44% no ano.

**Remuneração ao Acionista
(Lucro Líquido + Juros sobre o Capital Próprio)
(em R\$ mil)**



O Retorno sobre o Patrimônio Líquido (ROE), entretanto, caiu de 17,2% para 14,7%, em virtude do aumento do capital ocorrido no ano. Comparando-se com uma aplicação em CDI, a rentabilidade da empresa foi 58% maior que a rentabilidade líquida de uma aplicação em CDI, que apresentou variação bruta de 11,64% no ano, mas, considerando uma retenção de IR de 20%, o rendimento líquido cai para 9,31% a.a..

**Retorno sobre o Patrimônio Líquido
(Lucro Líquido / Patrimônio Líquido)**



4. Desempenho Social

Neste ano, pela primeira vez, incluímos no Relatório da Administração uma descrição do desempenho social da empresa. Trata-se de esforço inicial de divulgar esse aspecto da atuação da empresa, que deverá sofrer aperfeiçoamentos substanciais em suas próximas versões.

A missão da Socialcred é apoiar empreendimentos intensivos na geração de trabalho e renda para a população economicamente vulnerável, preservando o meio ambiente e respeitando os interesses dos *stakeholders*.

Visando atingir o objetivo social contido nessa missão, a empresa focaliza suas operações em setores que tenham uma das seguintes características:

- 1) Sejam intensivos na geração de trabalho e renda para a população de baixa renda, tais como o setor industrial de moda, e/ou
- 2) Gerem fortes benefícios sociais, pela própria natureza da atividade, como é o caso da oferta de serviços de saúde e educação para a população de baixa renda.

Grande parte da carteira da empresa é destinada às pequenas confecções, onde a relação trabalho/capital é tradicionalmente alta e a mão de obra empregada é do extrato de renda mais baixo.

Estudo realizado pela FGV-RJ em 2011, denominado “Territórios da Moda”, corroborando essa tese, verificou que as confecções do Rio de Janeiro geram em torno de 80 empregos diretos. As costureiras internas, maior parte da mão de obra utilizada na indústria, ganham cerca de 603 reais (piso salarial) por mês, mais gratificações, e são, geralmente, do sexo feminino. Além disso, concluiu que a maioria dos donos de marcas e estilistas são mulheres.

No universo de confecções clientes da Socialcred, que são de menor porte, a média de empregos internos gerados é de 29 por confecção, sendo 23 mulheres. Os postos de trabalho externos somam 33, em média, sendo quase a totalidade do sexo feminino. Assim, o número de postos de trabalho gerados por empreendimento para pessoas de baixa renda é de 62, em média, sendo cerca de 56 mulheres. Considerando a quantidade de confecções atendidas pela empresa (63), estimamos que a soma de postos de trabalho gerados pelas confecções apoiadas pela Socialcred é de 3.906.

Para medirmos o impacto social da carteira, criamos o Índice de Impacto Social Emprego/Carteira (IIS-E/C), que dá o número de empregos gerados por cada R\$ 1.000 de carteira. Assim, dividindo-se os empregos gerados pelo valor carteira, temos o IIS-E/C de 0,72. Ou seja, cada R\$ 1.000,00 emprestado gera 0,72 empregos. Convertendo-se ao dólar, verificamos que cada US\$ 1,000 emprestados gera 1,36 empregos.

O outro setor no qual se concentram os clientes da empresa é o setor de saúde. Os clientes da Socialcred desse setor são de classe média e atendem a população de baixa e média renda, o que se pode confirmar ao verificar que a maioria dos empreendimentos se encontram em bairros de baixa e média renda. Ou seja, os clientes da Socialcred são de classe média e dão acesso à saúde para as pessoas de baixa e média renda.

Além disso, cada empreendimento do setor de saúde apoiado pela Socialcred gera em torno de 4 postos de trabalho, incluindo o do empreendedor. Assim, o total de postos de trabalho gerados ou mantidos pela atuação da Socialcred, neste setor, é de 1.412. A carteira soma R\$ 4.354 milhões. Assim, IIS E/C no setor é de 0,32. Convertendo-se ao dólar, verificamos que cada US\$ 1,000 emprestados gera 0,61 empregos.

Agradecemos a atenção dispensada à leitura deste relatório, um esforço para ampliar a transparência de nossa empresa a todos os interessados.

Cordialmente,

Rubens de Andrade Neto
Diretor Presidente

Roberto da Silva Andrade
Diretor Vice-Presidente

João Luiz Moreira Mello
Diretor

Bianca da Rosa
Diretora

Edson Luiz de Paula Pinto
Diretor